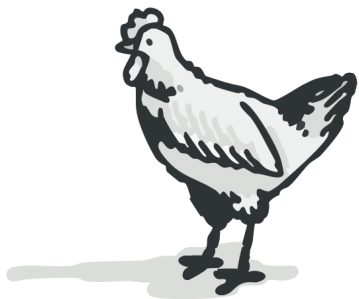


**NA BRASÍLIO
COM A ÂNGELO**

NA BRASÍLIO COM A ÂNGELO

JOSÉ CARLOS
FERNANDES



© José Carlos Fernandes, 2026

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde

EDITORA-ASSISTENTE Juliana Sehn

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Manoela Haas

ILUSTRAÇÕES Felipe de Lima Mayerle

PREPARAÇÃO DE TEXTO Juliana Sehn

REVISÃO Bárbara Tanaka

COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi

PRODUÇÃO Antonio Aragão, Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

Seleção de crônicas publicadas originalmente no jornal *Gazeta do Povo*, com sede em Curitiba, PR, a partir de 2007.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F363n	Fernandes, José Carlos
	Na Brasília com a Ângelo / José Carlos Fernandes; ilustração Felipe de Lima Mayerle. — 1. ed. — Curitiba, PR: Telaranha, 2026.
	192 p. : il.
	ISBN 978-65-85830-46-1
	1. Crônica brasileira I. Mayerle, Felipe de Lima. II. Título. CDD: 869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônica : Literatura brasileira 869.98

Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Ébano Pereira, 269 – Centro

Curitiba/PR – 80410-240

(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

Junho de 2026

À esquina da rua Brasília Itiberê com a
Ângelo Sampaio, em Curitiba — um ponto de vista.

Aos leitores de jornal, freguesia para quem
estes textos foram escritos em dias apressados.

À minha tia-irmã Ângela Antônia, a Gê (1959-2025),
pelas crônicas que gargalhamos juntos.

SUMÁRIO

9 DAR NOME ÀS RUAS por Bárbara Tanaka

JUJUBAS COLORIDAS

- 15 A vida dos outros
- 19 Como o futebol explica a gente
- 25 Páscoa, eu estava lá
- 31 A admirável vida alheia
- 35 Quem te ensinou a dar risada?
- 39 Método para lavar louça como ninguém
- 43 O que se passa na cabeça dos cachorros
- 47 O levante das Raimundas
- 53 Uma Carmen portuguesa, com certeza
- 57 Pelo direito à preguiça
- 61 Com uma Lua em Gêmeos
- 65 Quando ela escreve, ganho o dia
- 69 Vestidas de noiva
- 73 Eis a crônica

SE BEM ME LEMBRO

- 79 Eu preciso saber da sua vida
- 83 O mundo acabou
- 87 Dona Matilde Gomes
- 91 Não se esqueça do meu Simca Chambord
- 95 O Bar do Português
- 99 Eram os deuses astronautas
- 103 Mamãe é de morte
- 107 Sobre o Wando, cartas e caixas de sapato
- 111 Sempre é tempo – *tecnologia calligraphica*
- 115 Postei uma foto para você
- 119 Bendita calvície
- 123 Antes que me esqueça
- 127 Sobre a cor do tempo e a minha louça
- 133 Janete era hoje
- 137 A extraordinária vida dos objetos

CURITIBA, A ESTRANHA

- 143 Não nos leve a mal
- 147 Convide, mas não insista
- 151 Memória da chuva
- 155 Feitiços da Vila Leão
- 159 De deserto de afetos a um trem para o Novo Mundo
- 163 Nossas histórias do Valêncio
- 167 O craque Bellini lá perto de casa
- 171 Cláudio e suas irmãs
- 175 O negro Rosa
- 179 “Vandalismo é não falar de amor” (G.L.)
- 183 O louco dos abacates

187 EPÍLOGO

DAR NOME ÀS RUAS

13 de maio de 2026

por Bárbara Tanaka

Curitiba tem quase dez mil ruas, avenidas, travessas e alamedas. Dessas, quase mil são consideradas “não oficiais” ou “informais”, isto é, aguardam algum tipo de regularização do poder público. São as ruas que contam uma historiografia das cidades, nas vestes de nomes de anônimos ou de famílias que estão há séculos no topo. Reconhecer uma rua, portanto, é carimbar um espaço no mapa da moradia de uma cidade – é preciso, antes de tudo, um nome para se reivindicar asfalto, iluminação pública e até coleta de lixo numa rua. Com quantas ruas se faz uma cidade?

Eu, que me considero uma jornalista falsificada, vivo me perguntando qual é a história de cada calçada que atravesso, de toda esquina que dobro – eu e um sem-número de jornalistas, com olfatos e olhares apurados, todos instigados após uma aula de José Carlos Fernandes, que ensina os alunos a criar seus próprios mapas afetivos da cidade. Cada um de nós passa a olhar o mundo com o filtro de uma cidade imaginária – esse *lugar empoeirado e impreciso* – antes de ter a audácia de inscrever palavras no papel ou na tela. Não há como evitar – até mesmo uma conversa fiada sobre o engarrafamento vira uma maneira de “descer a rua”

e prestar atenção no que está ao redor. É assim que tudo vira crônica, assim como toda crônica vira um pedaço de rua, de conversa de muro, e recupera o sentido de habitar uma cidade.

A cidade de José Carlos Fernandes é uma rua repleta de abacateiros, daqueles que a Prefeitura insistiria em derrubar. Se fossem tempos mais simples, na mesma semana encontraríamos uma coluna deliciosa, mas também provocativa, impressa na falecida *Gazeta do Povo*. Um ativista pelo direito a viver a cidade e, conseqüentemente, a leitura. Não é à toa que este livro eleva a temperatura da pauta, configura e redesenha o espaço da memória em uma produção que atravessa quase vinte dos trinta anos de exercício na imprensa diária. Essa cidade também é habitada por lembranças, pelos segredos sussurrados anarquicamente nas esquinas a um bom repórter. Eis o papel da crônica: cavoucar as camadas mais profundas desse estar no mundo e, com ele, corporificar a palavra.

Nas palavras do Zeca, não há *nada como ter um passado*. Que bom que temos – e assim podemos seguir por mais uma rua.

Bárbara Tanaka (Curitiba, 1997) é jornalista e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com pesquisa sobre arquivo e historiografia da edição no Brasil. É editora da Telaranha Edições e cofundadora da Livraria Telaranha. Foi orientanda de José Carlos Fernandes.

JUJUBAS
COLORIDAS

A VIDA DOS OUTROS

6 de fevereiro de 2014



Tempos atrás, eu estava num ponto do ônibus quando um cara parou do meu lado e, do nada, me contou tudo. Tudininho. Falou da infância de fartura em Campo Mourão. Das desditas da juventude. Das drogas. Do sexo. Da contaminação pelo HIV. Da chegada de um filho, quando já se sentia sepultado. Nisso, aparece sua mulher, saia abaixo dos joelhos, cabelos piedosamente até a cintura, e se vão juntos, mãos dadas, no sumidouro da Praça Tiradentes. Como escreveu Walt Whitman, “a vida fez sentido até o dia seguinte”.

Não é a primeira vez que acontece. Lembro-me da ocasião em que uma entrevistada me ofereceu um café. Ainda falávamos do assunto da reportagem quando ela teve súbita mudança de humor. Grudada à pia, esvaiu-se: “Descobri que meu filho é gay. O que faço?”. Almodóvar adoraria a cena: “*Mi hijo es maricón. Dios, ¿qué hago?*”. Fui pego tão de assalto que acabei soltando um pamonha “calma, o susto passa...”. Depois, seguimos num papo bem temperado, com aquela cumplicidade obscena que às vezes nasce entre os desconhecidos. Já reparou?

Outra vez – e foi bem engraçado –, almoçava com uns colegas quando a amiga de um deles saiu da mesa em que estava e puxou um lero. Veio fazer um social, mas em cinco minutos provocou a pororoca. Sem mais, contou que era lésbica, descreveu seu *modus operandi* na intimidade, gargalhou ao lembrar da cara de horror da diarista ao saber das acrobacias da patroa. Mesmo tendo nos deixado sem palavras, pediu que não contássemos à sua mãe – uma senhorinha que podíamos ver na outra ponta do restaurante, de cabelos brancos e xale nos ombros – que estava fechando a *sex shop* da família. “*Tsc, tsc*. Ela vai se decepcionar comigo mais uma vez...”. E se foi.

Nunca me achei um bom “confidente de ocasião”, exceto nos tempos de São Paulo. Mas em SP não vale. No metrô, é comum alguém puxar papo e contar que acaba de sair da condicional, que assaltou uma velhinha nos Jardins, que ama vadiar no Anhangabaú ou que tem vontade de calcinar os cachorros que fazem cocô nas calçadas do Higienópolis. Depois, cada um entra num vagão e nunca mais se veem. A rotina cosmopolita tem essa vantagem: na metrópole todo mundo trabalhou no *Hair* e parece um pouco a tigresa da música do Caetano.

Mas aqui, nos matos do Paraná, é diferente. Em Curitiba não existem seis graus de separação, existem dois graus e meio, quando muito, três se alguém mora na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), quatro se for de Doutor Ulysses. Difícil ser anônimo nessas bandas, daí nossa reserva em sair por aí, às escâncaras. A não ser que alguém tenha o dom sobrenatural de provocar declarações desaconselhadas para menores.

Conheço gente que nasceu com esse abridor de latas sentimental. Seus olhos são dois faróis. Como que por hipnose, diante deles as pessoas liberam as caixas-pretas. Depois se vão, passarinheiras, desfrutando do que suponho ser a crença de terem cruzado com um fiel depositário de questões cabeludas.

É interessante o que diz a respeito a ensaísta argentina Beatriz Sarlo. Estaríamos vivendo tempos mais desbeijados.

Incontinência verbal deixou de ser exceção para virar regra. Ela usa a expressão “guinada subjetiva” para traduzir esse momento em que todo mundo quer ser personagem principal. Em tempos idos, diz Sarlo, a gente se projetava nas figuras do cinema e da literatura. A Ilse, personagem de Ingrid Bergman em *Casablanca*, por exemplo, representava os sentimentos das mulheres do pós-Guerra. Vê-la na tela era ver-se. Mas hoje não. A maioria quer acreditar que sua história pessoal daria um longa-metragem, contando-a ao primeiro que der sopa. Isso explica os *reality shows*, o “Arquivo Confidencial” do Faustão, as postagens no Facebook.

Sarlo é realista de doer, claro. Sugere que não queremos mais nos sentir iguais a um monte de gente, mas iluminados, o que nos reduz a bufões da saga da batatinha frita. O preço desse exibicionismo é nos fazer ainda mais solitários. Mas convenhamos que esse momento espalhafatoso da humanidade tem seu charme.

Nossos confidentes despudorados fazem com que nos sintamos aquele burocrata da Stasi do filme *A vida dos outros*, de Florian Henckel. Mediocre, ele começa a ter sua percepção alterada ao grampear um casal de atores da antiga Alemanha Oriental. Descobre que o mundo é maior do que imaginava. Quando ele mesmo já não cabe mais no minúsculo espaço da realidade onde vivia, faz enfim algo que preste.

Esses caras que nos abordam na Tiradentes são ou não são uns sacanas?